



VIAGEM A PETRÓPOLIS

SÁBADO, MAIO 17, 2008

Era uma velha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo. Os olhos lacrimejavam sempre, as mãos repousavam sobre o vestido preto e opaco, velho documento de sua vida. No tecido já endurecido encontravam-se pequenas crostas de pão coladas pela baba que lhe ressurgia agora em lembrança do berço. Lá estava uma nódoa amarelada, de um ovo que comera há duas semanas. E as marcas dos lugares onde dormia. Achava sempre onde dormir, casa de um, casa de outro. Quando lhe perguntavam o nome, dizia com a voz purificada pela fraqueza e por longuíssimos anos de boa educação:

— Mocinha.

As pessoas sorriam. Contente pelo interesse despertado, explicava:

— Nome, nome mesmo, é Margarida.

O corpo era pequeno, escuro, embora ela tivesse sido alta e clara. Tivera pai, mãe, marido, dois filhos. Todos aos poucos tinham morrido. Só ela restara com os olhos sujos e expectantes quase cobertos por um ténue veludo branco. Quando lhe davam alguma esmola davam-lhe pouca, pois ela era pequena e realmente não precisava comer muito. Quando lhe davam cama para dormir davam-na estreita e dura porque Margarida fora aos poucos perdendo volume. Ela também não agradecia muito: sorria e balançava a cabeça. Dormia agora, não se sabia mais por que motivo, no quarto dos fundos de uma casa grande, numa rua larga cheia de árvores, em Botafogo. A família achava graça em Mocinha mas esquecia-se dela a maior parte do tempo. É que também se tratava de uma velha misteriosa. Levantava-se de madrugada, arrumava sua cama de anão e disparava lépida como se a casa estivesse pegando fogo. Ninguém sabia por onde andava. Um dia uma das moças da casa perguntou-lhe o que andava fazendo. Respondeu com um sorriso gentil:

— Passeando.

Acharam graça que uma velha, vivendo de caridade, andasse a passear. Mas era verdade. Mocinha nascera no Maranhão, onde sempre vivera. Viera para o Rio não há muito, com uma senhora muito boa que pretendia interná-la num asilo, mas depois não pudera ser: a senhora viajara para Minas e dera algum dinheiro para Mocinha se arrumar no Rio. E a velha passeava para ficar conhecendo a cidade. Bastava aliás uma pessoa sentar-se num banco de uma praça e já via o Rio de Janeiro.

Sua vida corria assim sem atropelos, quando a família da casa de Botafogo um dia surpreendeu-se de tê-la em casa há tanto tempo, e achou que assim também era demais. De algum modo tinham razão. Todos lá eram muito ocupados, de vez em quando surgiam casamentos, festas, noivados, visitas. E quando passavam atarefados pela velha, ficavam surpreendidos como se fossem interrompidos, abordados com uma pancadinha no ombro: "olha!". Sobretudo uma das moças da casa sentia um mal-estar irritado, a velha enervava-a sem motivo. Sobretudo o sorriso permanente, embora a moça compreendesse tratar-se de um ricto inofensivo. Talvez por falta de tempo, ninguém falou no assunto. Mas logo que alguém cogitou de mandá-la morar em Petrópolis, na casa da cunhada alemã, houve uma adesão mais animada do que uma velha poderia provocar.

SOBRE ESTE BLOG



Este é o maior blog do mundo dedicado à Clarice Lispector. Surgiu em 2007 e, desde então, conta com quase 2 milhões de visitas. Seja bem vindo!

VISITE

Editora Rocco

Keidy Matias

NEWSLETTER

Meu email...

Inscriver

Como você conheceu o blog?

- Através de sites de busca (google, yahoo, etc.);
- Indicação de um amigo;
- Outros sites;
- De outra forma.

Vote

View Results

Crowdsignal.com

Como você conheceu o blog?

- Através de sites de busca (google, yahoo, etc.);
- Indicação de um amigo;
- Outros sites;
- De outra forma.

Quando, pois, o filho da casa foi com a namorada e as duas irmãs passar um fim-de-semana em Petrópolis, levou a velha no carro.

Por que Mocinha não dormiu na noite anterior? À idéia de uma viagem, no corpo endurecido o coração se desenferrujava todo seco e descompassado, como se ela tivesse engolido uma pílula grande sem água. Em certos momentos nem podia respirar. Passou a noite falando, às vezes alto. A excitação do passeio prometido e a mudança de vida, de repente aclaravam-lhe algumas idéias. Lembrou-se de coisas que dias antes juraria nunca terem existido. A começar pelo filho atropelado, morto debaixo de um bonde no Maranhão — se ele tivesse vivido no tráfego do Rio de Janeiro, aí mesmo é que morria atropelado. Lembrou-se dos cabelos do filho, das roupas dele. Lembrou-se da xícara que Maria Rosa quebrara e de como ela gritara com Maria Rosa. Se soubesse que a filha morreria de parto, é claro que não precisaria gritar. E lembrou-se do marido. Só lembrava o marido em mangas de camisa. Mas não era possível, estava certa de que ele ia à repartição com o uniforme de contínuo, ia a festas de paletó, sem falar que não poderia ter ido ao enterro do filho e da filha em mangas de camisa. A procura do paletó do marido ainda mais cansou a velha que se virava com leveza na cama. De repente descobriu que a cama era dura.

— Que cama dura, disse bem alto no meio da noite.

É que se sensibilizara toda. Partes do corpo de que não tinha consciência há longo tempo reclamavam agora a sua atenção. E de súbito — mas que fome furiosa! Alucinada, levantou-se, desamarrou a pequena trouxa, tirou um pedaço de pão com manteiga ressecada que guardava secretamente há dois dias. Comeu o pão como um rato, arranhando até o sangue os lugares da boca onde só havia gengiva. E com a comida, cada vez mais se reanimava. Conseguiu, embora fugazmente, ter a visão do marido se despedindo para ir ao trabalho. Só depois que a lembrança se desvaneceu, viu que esquecera de observar se ele estava ou não em mangas de camisa. Deitou-se de novo, coçando-se toda ardente. Passou o resto da noite nesse jogo de ver por um instante e depois não conseguir ver mais. De madrugada adormeceu.

E pela primeira vez foi preciso acordá-la. Ainda no escuro, a moça veio chamá-la, de lenço amarrado na cabeça e já de maleta na mão. Inesperadamente Mocinha pediu uns instantes para pentear os cabelos. As mãos trêmulas seguravam o pente quebrado. Ela se penteava, ela se penteava. Nunca fora mulher de ir passear sem antes pentear bem os cabelos. Quando enfim se aproximou do automóvel, o rapaz e as moças se surpreenderam com seu ar alegre e com os passos rápidos. "Tem mais saúde do que eu!", brincou o rapaz. À moça da casa ocorreu: "E eu que até tinha pena dela".

Mocinha sentou-se junto da janela do carro, um pouco apertada pelas duas irmãs acomodadas no mesmo banco. Nada dizia, sorria. Mas quando o automóvel deu a primeira arrancada, jogando-a para trás, sentiu dor no peito. Não era só por alegria, era um dilaceramento. O rapaz virou-se para trás:

— Não vá enjoar, vovó!

As moças riram, principalmente a que se sentara na frente, a que de vez em quando encostava a cabeça no ombro do rapaz. Por cortesia, a velha quis responder, mas não pôde. Quis sorrir, não conseguiu. Olhou para todos, com olhos lacrimejantes, o que os outros já sabiam que não significava chorar. Qualquer coisa em seu rosto amorteceu um pouco a alegria da moça da casa e deu-lhe um ar obstinado.

A viagem foi muito bonita.

As moças estavam contentes, Mocinha agora já recomeçara a sorrir. E, embora o coração batesse muito, tudo estava melhor. Passaram por um cemitério, passaram por um armazém, árvore, duas mulheres, um soldado, gato! letras — tudo engolido pela velocidade.

Quando Mocinha acordou não sabia mais aonde estava. A estrada já havia amanhecido totalmente: era estreita e perigosa. A boca da velha ardia, os pés e as mãos distanciavam-se gelados do resto do corpo. As moças falavam, a da frente apoiara a cabeça no ombro do rapaz. Os embrulhos despencavam a todo instante.

Então a cabeça de Mocinha começou a trabalhar. O marido apareceu-lhe de paletó — achei, achei! o paletó estava pendurado o tempo todo no cabide. Lembrou-se do nome da amiga de

Vote

View Results

Crowdsignal.com

DIVERSOS

Poemas (arranjos)

Cartas

Pinturas de Clarice

Coletâneas de crônicas

Entrevista

Audiolivros

Enquetes

Eventos

Promoções

OBRAS

Minhas Queridas (Compilação 2007)

Como Nasceram as Estrelas (Infantil 1987)

A Descoberta do Mundo (Crônicas 1984)

A Bela e a Fera (Contos 1979)

Quase de Verdade (Infantil 1978)

Um Sopro de Vida (Romance 1978)

Para Não Esquecer (Crônicas 1978)

A Hora da Estrela (Romance 1977)

A Vida Íntima de Laura (Infantil 1974)

A Via Crucis do Corpo (Contos 1974)

Onde Estivestes de Noite (Contos 1974)

Água Viva (Romance 1973)

Felicidade Clandestina (Contos 1971)

Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres (Romance 1969)

A Mulher que Matou os Peixes (Infantil 1968)

O Mistério do Coelho Pensante (Infantil 1967)

A Paixão Segundo G.H. (Romance 1964)

A Legião Estrangeira (Contos 1964)

A Maçã no Escuro (Romance 1961)

Laços de Família (Contos 1960)

A Cidade Sitiada (Romance 1949)

O Lustre (Romance 1946)

Perto do Coração Selvagem (Romance 1943)

Maria Rosa, daquela que morava defronte: Elvira, e a mãe de Elvira até era aleijada. As lembranças quase lhe arrancavam uma exclamação. Então ela movia os lábios devagar e dizia baixo algumas palavras.

As moças falavam:

— Ah, obrigada, um presente desses eu rejeito!

Foi quando Mocinha começou finalmente a não entender. Que fazia ela no carro? como conhecera seu marido e aonde? como é que a mãe de Maria Rosa e Rafael, a própria mãe deles, estava no automóvel com aquela gente? Logo depois acostumou-se de novo.

O rapaz disse para as irmãs:

— Acho melhor não pararmos defronte, para evitar histórias. Ela salta do carro, a gente ensina aonde é, ela vai sozinha e dá o recado de que é para ficar.

Uma das moças da casa perturbou-se: receava que o irmão, com uma incompreensão típica de homem, falasse demais diante da namorada. Eles não visitavam mais o irmão de Petrópolis, e muito menos a cunhada.

— É sim, interrompeu-o a tempo antes que ele falasse demais. Olha, Mocinha, você entra por aquele beco e não há como errar: na casa de tijolo vermelho, você pergunta por Arnaldo, meu irmão, ouviu? Arnaldo. Diz que lá em casa você não podia mais ficar, diz que na casa de Arnaldo tem lugar e que você até pode vigiar um pouco o garoto, viu...

Mocinha desceu do automóvel, e durante um tempo ainda ficou de pé mas pairando entontecida sobre rodas. O vento fresco soprava-lhe a saia comprida por entre as pernas. Arnaldo não estava. Mocinha entrou na saleta onde a dona da casa, com um pano contra pó amarrado na cabeça, tomava café. Um menino louro — decerto aquele que Mocinha deveria vigiar— estava sentado diante de um prato de tomates e cebolas e comia sonolento, enquanto as pernas brancas e sardentas balançavam-se sob a mesa. A alemã encheu-lhe o prato de mingau de aveia, empurrou-lhe na mesa pão torrado com manteiga.

As moscas zuniam. Mocinha estava fraca. Se bebesse um pouco de café quente talvez passasse o frio no corpo.

A mulher alemã examinava-a de vez em quando em silêncio: não acreditara na história da recomendação da cunhada, embora "de lá" tudo fosse de se esperar. Mas talvez a velha tivesse ouvido de alguém o endereço, até num bonde, por acaso, isso às vezes acontecia, bastava abrir um jornal e ver que acontecia. É que aquela história não estava nada bem contada, e a velha tinha um ar sabido, nem sequer escondia o sorriso. O melhor seria não deixá-la sozinha na saleta, com o armário cheio de louça nova.

— Preciso antes tomar café, disse-lhe. Depois que meu marido chegar, veremos o que se pode fazer.

Mocinha não entendeu muito bem, pois ela falava como gringa. Mas entendeu que era para continuar sentada. O cheiro de café dava-lhe vontade, e uma vertigem que escurecia a sala toda. Os lábios ardiam secos e o coração batia todo independente. Café, café, olhava ela sorrindo e lacrimejando. A seus pés o cachorro mordida a própria pata, rosnando. A empregada, também meio gringa, alta, de pescoço muito fino e seios grandes, a empregada trouxe um prato de queijo branco e mole. Sem uma palavra, a mãe esmagou bastante queijo no pão torrado e empurrou-o para o lado do filho. O menino comeu tudo e, com a barriga grande, agarrou um palito e levantou-se:

Mãe, cem cruzeiros.

Não. Para quê?

Chocolate.

Não. Amanhã é que é domingo.

Uma pequena luz iluminou Mocinha: domingo? que fazia naquela casa em vésperas de domingo? Nunca saberia dizer. Mas bem que gostaria de tomar conta daquele menino.

Sempre gostara de criança loura: todo menino louro se parecia com o Menino Jesus. O que fazia naquela casa? Mandavam-na à toa de um lado para outro, mas ela contaria tudo, iam ver. Sorriu encabulada: não contaria era nada, pois o que queria mesmo era café.

A dona da casa gritou para dentro, e a empregada indiferente trouxe um prato fundo, cheio de papa escura. Gringos comiam muito de manhã, isso Mocinha vira mesmo no Maranhão. A dona da casa, com seu ar sem brincadeiras porque gringo em Petrópolis era

Além de Clarice, o que mais você lê?

- Affonso Romano de Sant'Anna;
- Cecília Meireles;
- Machado de Assis;
- Castro Alves;
- José de Alencar;
- Aluísio de Azevedo;
- Manuel Bandeira;
- Carlos Drummond de Andrade;
- Mario de Andrade;
- Mario Quintana;
- Oswald de Andrade;
- Casimiro de Abreu;
- Monteiro Lobato;
- Olavo Bilac;
- Raul Pompéia;
- Escritor(a) estrangeiro;
- Outro escritor(a) brasileiro(a).

Vote

[View Results](#)

[Crowdsignal.com](#)

Além de Clarice, o que mais você lê?

- Affonso Romano de Sant'Anna;
- Cecília Meireles;
- Machado de Assis;
- Castro Alves;
- José de Alencar;
- Aluísio de Azevedo;
- Manuel Bandeira;
- Carlos Drummond de Andrade;
- Mario de Andrade;
- Mario Quintana;
- Oswald de Andrade;
- Casimiro de Abreu;
- Monteiro Lobato;
- Olavo Bilac;
- Raul Pompéia;
- Escritor(a) estrangeiro;

tão sério como no Maranhão, a dona da casa tirou uma colherada de queijo branco, triturou-o com o garfo e misturou-o à papa. Para dizer verdade, porcaria mesmo de gringo. Pôs-se então a comer, absorta, com o mesmo ar de fastio que os gringos do Maranhão têm. Mocinha olhava. O cachorro rosnava às pulgas.

Afinal Arnaldo apareceu em pleno sol, a cristaleira brilhando. Ele não era louro. Falou em voz baixa com a mulher, e depois de demorada confabulação, informou firme e curioso para Mocinha:

— Não pode ser não, aqui não tem lugar não.

E como a velha não protestasse e continuasse a sorrir, ele falou mais alto:

— Não tem lugar não, ouviu?

Mas Mocinha continuava sentada. Arnaldo ensaiou um gesto. Olhou para as duas mulheres na sala e vagamente sentiu o cômico do contraste. A esposa esticada e vermelha. E mais adiante a velha murcha e escura, com uma sucessão de peles secas penduradas nos ombros. Diante do sorriso malicioso da velha, ele se impacientou:

— E agora estou muito ocupado! Eu lhe dou dinheiro e você toma o trem para o Rio, ouviu? volta para a casa de minha mãe, chega lá e diz: casa de Arnaldo não é asilo, viu? aqui não tem lugar. Diz assim: casa de Arnaldo não é asilo não, viu!

Mocinha pegou no dinheiro e dirigiu-se à porta. Quando Arnaldo já ia se sentar para comer, Mocinha reapareceu:

— Obrigada, Deus lhe ajude.

Na rua, de novo pensou em Maria Rosa, Rafael, o marido. Não sentia a menor saudade. Mas lembrava-se. Dirigiu-se para a estrada, afastando-se cada vez mais da estação. Sorriu como se pregasse uma peça a alguém: em vez de voltar logo, ia antes passear um pouco.

Um homem passou. Então uma coisa muito curiosa, e sem nenhum interesse, foi iluminada: quando ela era ainda uma mulher, os homens. Não conseguia ter uma imagem precisa das figuras dos homens, mas viu a si própria com blusas claras e cabelos compridos. A sede voltou-lhe, queimando a garganta. O sol ardia, faiscava em cada seixo branco. A estrada de Petrópolis é muito bonita.

No chafariz de pedra negra e molhada, em plena estrada, uma preta descalça enchia uma lata de água.

Mocinha ficou parada, espreitando. Viu depois a preta reunir as mãos em concha e beber. Quando a estrada ficou de novo vazia, Mocinha adiantou-se como se saísse de um esconderijo e aproximou-se sorradeira do chafariz. Os fios de água escorreram geladíssimos por dentro das mangas até os cotovelos, pequenas gotas brilharam suspensas nos cabelos.

Saciada, espantada, continuou a passear com os olhos mais abertos, em atenção às voltas violentas que a água pesada dava no estômago, acordando pequenos reflexos pelo resto do corpo como luzes.

A estrada subia muito. A estrada era mais bonita que o Rio de Janeiro, e subia muito.

Mocinha sentou-se numa pedra que havia junto de uma árvore, para poder apreciar. O céu estava altíssimo, sem nenhuma nuvem. E tinha muito passarinho que voava do abismo para a estrada. A estrada branca de sol se estendia sobre um abismo verde. Então, como estava cansada, a velha encostou a cabeça no tronco da árvore e morreu.



O BLOG NA IMPRENSA

O Blog na Folha de São Paulo

Em 19/04/2008 o Blog integrou a reportagem "Clarice é Pop", para ler, **clique aqui**.

Suplemento Cultural do Governo do Estado de Pernambuco

Em novembro de 2011 participamos de uma reportagem no Suplemento Cultural do Diário Oficial de Pernambuco, em uma reportagem intitulada "Sem medo algum de ser Clarice Lispector". **Clique aqui** para ler.

O Blog na Rádio CBN

Em entrevista a Rádio CBN, os objetivos, o perfil dos leitores, as fontes que fazem o blog, dentre outros assuntos foram abordados. Foi uma entrevista muito importante para divulgar o blog e acima de tudo, fazer com que mais pessoas possam ser apresentadas a obra de Clarice.

O Blog na Rádio Nacional da Amazônia

No dia 07/02/2011, a Rádio Nacional da Amazônia, da Empresa Brasil de Telecomunicação (EBC), entrevistou a administradora do blog. Os assuntos de destaque foram a projeção do Blog Clarice Lispector, indicações de leitura da obra da autora e poemas e frases falsamente atribuídos à Clarice Lispector por meio da internet.

POSTAGENS POPULARES



O Ovo e a Galinha

De manhã na cozinha sobre a mesa vejo o ovo. Olho o ovo com um só olhar.

Imediatamente percebo que não se pode estar vendo um ovo. Ver o ...

COMPARTILHAR



NO FACEBOOK



NO TWITTER

6 CLARICEANOS



O Primeiro Beijo

Os dois mais murmuravam que conversavam: havia pouco iniciara-se o namoro e ambos andavam tontos, era o amor. Amor com o que vem junto: ciú...



Obras

Clique nas capas para ver trechos e informações dos livros:

HISTÓRICO

▶ 2018 (2)

▶ 2017 (3)

▶ 2016 (2)

▶ 2015 (7)

▶ 2014 (3)

▶ 2013 (18)

▶ 2012 (12)

▶ 2011 (23)

▶ 2010 (23)

▶ 2009 (48)

▼ 2008 (167)

▶ Dezembro (2)

▶ Novembro (6)

▶ Outubro (6)

▶ Setembro (6)

▶ Agosto (7)

▶ Julho (25)

▶ Junho (25)

▼ Maio (38)

A Quinta História

A Paixão Segundo G.H. (trecho)

O Banho (trecho)

A Paixão Segundo G.H. (trecho)

A Paixão Segundo G.H. (trecho)

A Paixão Segundo G.H. (trecho)

Evolução de Uma Miopia

A Solução

A Hora da Estrela (trecho)

A Hora da Estrela (trecho)

A Hora da Estrela (trecho)

A Paixão Segundo G.H. (trecho)

Água Viva (Parte Final)

Água Viva (8º Parte)

Água Viva (7º Parte)

A Hora da Estrela (trecho)

Alegrias de Joana (trecho)

Viagem a Petrópolis

A Hora da Estrela (trecho)

A Paixão Segundo G.H. (trecho)

... A Tia... (trecho)

A Hora da Estrela (trecho)

A Paixão Segundo G.H. (trecho)

Água Viva (6º Parte)

Contate-nos

Imprensa

Cartas

Macacos

A Hora da Estrela (trecho)

Água Viva (5º Parte)

O Passeio de Joana (trecho)

A Hora da Estrela (trecho)

Água Viva (4º Parte)

A Hora da Estrela (trecho)

A Mensagem

A Hora da Estrela (trecho)

A Proteção Pungente

Pertencer (trecho)

▶ Abril (21)

▶ Março (8)

▶ Fevereiro (11)

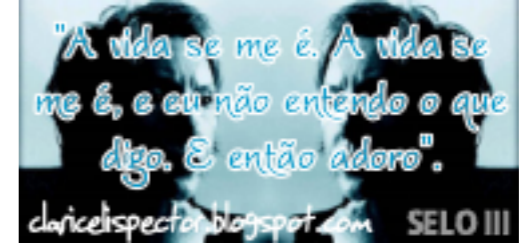
▶ Janeiro (12)

▶ 2007 (29)

SELO I



SELO II



VISITAS
